

verem deixado sua casa. Você certamente tem uma casa, não tem? Meu alemão, perdoe-me por isso também, está um pouco enferrujado; em todo caso, não é mais tão fluente quanto era há cinqüenta anos, quando, a despeito de estar doente, ditei para você seu livro. Meu livro, para ser mais preciso. Naquela época, você conseguiu entender meus sussurros, minhas palavras febris. Provavelmente, nossa língua era o único vínculo entre nós, ou, de qualquer forma, a base na qual se assentava a austeridade. Ela era a regra. Nesse meio tempo, e talvez com demasiado conforto, andei falando outras línguas, jamais tendo voltado a alcançar aquela intimidade linguística que outrora, apesar de toda irreflexão, reinava entre nós. Recentemente, por ocasião do octogésimo aniversário do fundador da firma para a qual trabalhei aqui, fiz um discurso em alemão, uma vez que todos os convidados do aniversariante vinham de Berlim, Leipzig e Würzburg, homens velhos como eu, subitamente acometidos de uma certa devoção, um ensimesmamento, um ar sonhador, meditativo, cândido, um ligeiro constrangimento no olhar, um sorriso passivo, tímido, até que me vieram as lágrimas. Foi um momento patético e, de certo modo, miserável também, a língua avançando pela sujeira, penetrando a memória pegajosa e libertando-se,

mas certamente não foi um triunfo, pois a desavergonhada esperança de, por intermédio da língua, curar uma doença incurável foi lavada e arrastada pelas lágrimas, esfregada pelos apertos de mão. Seja como for, eu voltara a falar alemão, após ter, nos últimos anos, me acostumado a falar quase que exclusivamente inglês e hebraico, e esta última língua sempre e somente com muita dificuldade. Meu romeno, eu o pratico de vez em quando com um vizinho que está traduzindo Ionesco; o russo, posso usá-lo diariamente, pois no meu bairro moram muitos russos, todos músicos talentosos, uma orquestra sinfônica inteira desprovida de uma sala de concertos; o português e o espanhol eu praticamente esqueci, ao contrário do polonês e do iídiche, que mantenho; as línguas dos nativos, por cujo conhecimento você tanto me admirava antigamente, decerto penetraram no tecido plasmático de meu cérebro. Quando, há pouco, li uns fragmentos delas em meu/seu livro, uma "campanha" soou, mas tão distante, que eu não lhe persegui o som. Resumindo, alegro-me por poder escrever esta carta para você em nossa língua, na língua de nosso livro. Como não viverei por muito mais tempo (sei que já disse isso uma vez, mas agora afirmo-o com certeza — uma bronquite crônica, a artrose e mais algumas dorzinhas